

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA  
SARAH ALVES CORRÊA COSTA**

**LEITURA PARA AS CRIANÇAS: APRENDENDO SEM GÊNERO**

Juiz de Fora  
2019

**SARAH ALVES CORRÊA COSTA**

**LEITURA PARA AS CRIANÇAS:  
APRENDENDO SEM GÊNERO**

Memorial Descritivo referente ao Projeto Experimental, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>Kelly Scoralick

Juiz de Fora  
2019

COSTA, Sarah Alves Corrêa.  
Leitura para crianças: Aprendendo  
sem gênero. Memorial descritivo  
referente do Projeto Experimental  
referente ao Trabalho de  
Conclusão de Curso, apresentado  
como requisito parcial à conclusão  
do curso de Graduação em  
Jornalismo, do Centro de Ensino  
Superior de Juiz de Fora, realizada  
no 2º semestre de 2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Drª. Kelly Scoralick  
Orientadora

---

Profª. Esp. Lúcia Schmidt  
Membro convidado 1

---

Profª. Esp. Gleice Lisboa  
Membro convidado 2

Examinado(a) em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Antônio e Suzana, pelo amor incondicional por mim e eu a eles. Ao meu irmão Felipe, que nunca me desencorajou por ser mulher. Aos meus grandes e verdadeiros amigos de jornada, que sempre estiveram ao meu lado em tudo. Meu amor Rafael, por ser tão paciente e amoroso. Minha sogra Maria Lúcia, por ser tão especial. Por último e não menos importante, a minha orientadora Dr<sup>a</sup> Kelly Scoralick, por ser essa fonte de inspiração e dedicação.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
2	<b>OBJETIVOS</b> .....	6
2.1	OBJETIVO GERAL .....	7
2.2	OBJETIVOS EXPECÍFICOS.....	7
3	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	7
4	<b>METODOLOGIA</b> .....	8
5	<b>PÚBLICO-ALVO</b> .....	11
6	<b>UMA LEITURA SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO</b> .....	11
8	<b>FICHA TÉCNICA</b> .....	17
9	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	17
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	18
	<b>APÊNDICE</b> .....	21



### **Leitura para crianças: Aprendendo sem gênero<sup>1</sup>**

*Sarah Alves Corrêa COSTA<sup>2</sup>*

*Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG*

*Kelly SCORALICK<sup>3</sup>*

*Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG*

### **RESUMO**

O presente projeto aborda o quadro de desigualdade de gênero, propondo iniciar esse debate já durante a formação da criança. Assim, a discussão é feita através de um livro elaborado para o público-alvo composto por meninos e meninas com idade entre quarto e oito anos. A história trabalha questões essenciais que envolvem a temática, como preconceitos e essencialmente o machismo, mostrando que não existe representações de feminino e masculino. Concluímos que a proposta viabiliza a discussão sobre desigualdade de gênero entre as crianças, ao trazer uma história próxima à realidade desse leitor, com ilustrações que fossem chamativas ao olhar dele, e textos diagramados de modo que também mantivessem o interesse da criança na história.

**Palavras-Chave:** Comunicação. Igualdade. Gênero. Crianças. Livro.

### **1 INTRODUÇÃO**

Desde os primórdios vemos as crianças sendo tratadas e educadas de formas diferentes, só pelo fato de serem do sexo feminino ou masculino. Meninas criando responsabilidades muito cedo, como cuidar do lar e aprender afazeres domésticos, enquanto meninos aprendem a serem os ditos machos e a não expressar seus sentimentos por nada. Nossas meninas

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Comunicação Social: Jornalismo.

<sup>2</sup>Graduanda no curso de Comunicação Social: Jornalismo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

<sup>3</sup>Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

aprendem desde cedo que precisam de alguém para protegê-las e que são frágeis, enquanto os meninos são condicionados a serem os protetores e fortes em todos os sentidos. Vemos brincadeiras sendo destinadas especificamente a meninas, e outras brincadeiras específicas aos meninos. Doutrinando desde cedo que o homem pode tudo, menos chorar, e as mulheres precisam ser femininas e cuidar da casa. Para Daniela Auad (2006), precisamos reavaliar as relações de gênero urgentemente.

O assunto em questão ainda é um tabu e por alguns grupos e muito das vezes considerado inapropriado conversar a respeito, por não entenderem as relações de gênero, acabam reproduzindo os padrões desiguais no convívio privado e na sociedade.

Vivemos em uma sociedade onde os presentes termos coisas de meninos e coisas de meninas existem, promovendo uma desigualdade de gênero. Não existem coisas, brincadeiras, profissões de um sexo específico. A sociedade impôs sendo de um sexo específico, sem se preocupar em promover a igualdade, pelo contrário, ajuda a proliferar estereótipos preconceituosos e discriminatórios. Onde as relações de gênero não se misturam, se separam diante da construção social.

Precisamos traçar objetivos igualitários entre as crianças, e desconstruir preconceitos e percepções arcaicas para não ter a divisão de gênero na infância, pois quando separa as pessoas por gênero e tiramos a liberdade de uma parte, deixamos de fazer parte de uma democracia e interferimos diretamente no futuro da sociedade e da parte mais fraca.

Através da leitura podemos mudar nossas mentes e refletir sobre o mundo atual. A comunicação é essencial para mudarmos pensamentos e fazer reflexões sobre nossa história. O jornalista tem o poder de resgatar o passado para o presente, mudar uma sociedade com a escrita. Transformando o mundo tanto com a mídia factual, como em histórias contadas por nós. É o que propomos neste trabalho.

## **2 OBJETIVOS**

O projeto tem como objetivo discutir o quadro de desigualdade de gênero, propondo iniciar esse debate já durante a formação da criança. A

proposta, portanto, é levar essa discussão à formação básica através de um livro destinado às crianças. Neste formato podemos trabalhar questões essenciais que envolvem a temática, como preconceitos e o machismo, que podem vir desde a infância. Usar a comunicação para discutir sobre o tema na infância, através de um livro de literatura infantil. Explorar e contar uma história, trazendo o enredo para os dias atuais, mostrando que não existe representações de feminino e masculino, e que somos educados a sermos assim na organização social em que vivemos.

## 2.1 OBJETIVO GERAL

Abordar as questões de gênero com a construção de uma história voltada para o público infantil a ser apresentada em um livro, com textos e ilustrações.

## 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar a narrativa envolvendo especificamente os temas desigualdade de gênero e machismo na infância;
- Elaborar o projeto do livro, como acabamento, formato, cor, tipo de papel, de modo que atenda aos interesses e inclusão do público-alvo;
- Criar as ilustrações para as páginas internas e capa do livro, seguindo também o design escolhido;
- Diagramar o livro buscando contemplar todos os pré-requisitos adotados;
- Apresentar às crianças, através de uma mídia tradicional (livro), a importância de se respeitar os gêneros, diminuindo as desigualdades hierarquizadas na sociedade.

## 3 JUSTIFICATIVA

O motivo pelo qual este tema foi escolhido foi para promover a igualdade de gênero na infância. Levar as crianças a terem mais liberdade em suas escolhas e se sentirem livres para brincarem e se divertirem sem distinção do sexo. A criança precisa ser protegida por seus cuidadores e eles assim fornecerem um ambiente de proteção, tranquilidade e principalmente auxiliando na formação da personalidade da criança, isto é, ajudando a ser



tornar um adulto com suas responsabilidades e crescendo com uma educação igualitária entre os gêneros.

No Brasil, as mulheres correspondem a 51,7% da população, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, PNAD Contínua 2018<sup>4</sup>. Mas apesar do número ser maior que dos homens, não vemos as mulheres sendo tratadas com igualdade no país ou tendo um lugar de fala sem serem questionadas sobre sua liderança. A desigualdade de gênero aumenta assombrosamente a cada dia em nossa sociedade, fazendo com que o Brasil ocupe a 90<sup>a</sup> posição no ranking de acordo com o Fórum Econômico Mundial. Esse ranking analisa a igualdade entre homens e mulheres em mais de 140 países.

Mulheres tem os mesmo direitos que os homens, mas a realidade não funciona como na teoria. As mulheres ainda são vítimas do machismo estruturado da sociedade, refletindo nos salários menores, sofrendo mais assédios na rua, em casa e também em seu local de trabalho, e a taxa de desemprego é mais alta, só pelo fato delas engravidarem de acordo com um estudo da Fundação Getúlio Vargas.

Com uma sociedade tão desigual, a taxa de femicídio faz o Brasil ocupar o 5<sup>o</sup> país com maiores assassinatos de pessoas devido à condição de serem mulheres, segundo a Organização Mundial da Saúde. Precisamos mudar e buscar alternativas para a educação das nossas crianças, em que mulheres não sejam subjugadas e possam ter as mesmas oportunidades que os homens desde a infância, não fazendo a divisão do sexo, para assim, tentar diminuir esse número de desigualdade no Brasil.

Através da proposta de um livro paradidático, como auxílio na educação da formação infantil, iremos abordar de forma simples e clara o tema em questão. Essa proposta era um ideal a ser abordado, e colocá-lo em prática foi a maneira encontrada para transmitir todos os valores envolvidos.

#### **4 METODOLOGIA**

O método utilizado para a execução deste projeto foi dividido em: pesquisa bibliográfica, e a elaboração do produto, com escolha do tema e

---

<sup>4</sup>Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>> Acesso em: 10 de Set. de 2019.

roteiro do livro, ilustração e diagramação. Primeiramente, foram feitas pesquisas relacionadas ao tema, principalmente aqueles de nosso maior interesse para debate, como as relações de gênero na infância. O processo foi fundamental para conseguir ter um ponto de partida para a criação dos diálogos do livro.

Para a construção da fundamentação teórica, optamos por algumas autoras que fizeram parte desta pesquisa, sendo elas: Flávia Biroli (2016), Daniela Auad (2003 e 2006), Chimamanda Ngozi Adiche (2017), Maria Amélia de Almeida Teles (2003), Antônio Hohlfeldt (2010), Victor Gentilli (1995), David Bann (2012) e Eva Heller (2012). As duas primeiras autoras foram decisivas para entender as relações de gênero no Brasil e nas escolas, em que a desigualdade enfrentada pelas mulheres é extremamente alta, ocupando a 95ª posição de acordo com o Fórum Econômico Mundial, como o país que mais sofre com as relações de gêneros desiguais. Já as autoras Chimamanda Adiche e Maria Amélia de Almeida Teles trouxeram informações sobre o feminismo, feminismo no Brasil e como educar crianças feministas, ponto fundamental para ampliar este trabalho e proporcionar material necessário para o entendimento na raiz das desigualdades relacionadas ao sexo biológico.

Outro exemplo muito claro do Feminismo Leve são os homens que dizem: “Claro que não é a esposa que tem que cuidar da casa sempre; eu mesmo fiz o serviço doméstico quando ela viajou”. Lembra como a gente ri de um artigo atroz que saiu sobre mim uns anos atrás? O autor me acusava de ser “raivosa”, como se eu tivesse de me envergonhar por sentir “raiva”. Claro que tenho raiva. Tenho raiva do racismo. Tenho raiva do sexismo. Mas eu recentemente percebi que tenho mais raiva do sexismo do que do racismo. Pois na minha raiva do sexismo eu com frequência me sinto sozinha. Pois eu amo e vivo entre muita gente que facilmente reconhece a injustiça racial, mas não a injustiça de gênero (ADICHIE, 2017, p.31).

Antônio Hohlfeldt e Victor Gentilli abordam a importância da comunicação e do jornalismo como meio transformador da sociedade. E os autores, David Bann e Eva Heller nos deram a noção da construção de um livro, desde as cores até produção gráfica, como os processos de impressão, papel e tinta, acabamento, gráfica e o fechamento do livro. Evan Heller

reforçou nosso entendimento que através das cores é possível um contato mais emocional com o público-alvo em questão.

A elaboração do livro conta com situações de aprendizagens para a faixa etária de crianças com idade entre 4 e 8 anos, idade em que a criança começa a identificar seu gênero e está envolvida em uma construção social ao mesmo tempo de acordo com estudiosos do seguimento infantil.

Foram escolhidas as cores principais do livro em azul e rosa, pois além de serem as cores prediletas dessa pesquisadora, elas são apontadas como cores contrárias pela autora Eva Heller, onde também é a cor marcadamente que define na sociedade a diferença entre meninos e meninas?. As cores podem atuar de modo diferente em cada pessoa, dependendo da ocasião, mas todas, de alguma forma, despertam um sentimento em cada um. Cores são uma explosão de envolvimento com os sentimentos.

A leitura foi a interpretação de que a cor azul significa intelectualidade e masculinidade, excluindo o outro gênero. Mostrando que um livro tão recente ao mesmo tempo traz um viés preconceituoso sobre os gêneros das cores.

Azul é a cor das virtudes intelectuais e masculinas A inteligência: azul 25% · branco 25% · prata 15% A ciência: azul 22% · branco 20% · cinza 15% · prata 14% A concentração: azul 23% · branco 18% · preto 15% · cinza 12% A independência: azul 28% · verde 15% · preto 11% · ouro 9% · amarelo 8% A esportividade: azul 32% · branco 20% · verde 12% · prata 10% O masculino: azul 36% · preto 28% · marrom 15% · cinza 7% · vermelho 5% O azul é a principal cor das virtudes intelectuais. Seu acorde típico é azul e branco. Essas são as principais cores da inteligência, da ciência, da concentração. A esportividade, embora não seja uma virtude intelectual, goza, no entanto, de tamanho prestígio social, que é igualmente dominante no acorde azul-branco (HELLER, 2012, p. 60).

A sensibilidade/ a sentimentalidade: rosa 33%  
 “Rosa” é o nome latino para “Rose”. Um nome típico de menina – de modo geral não existem nomes masculinos que venham de flores. O nome Rosa está contido em Rosaly, Rosana, Rosita, Rosinha. As características gerais que são atribuídas ao rosa são tipicamente femininas. A cor rosa simboliza a força dos fracos, como o charme e a amabilidade (HELLER, 2012 p.398).

As cores não estão ligadas ao acaso, estão ligadas à sociedade. Cada lugar, cada país, traz em si uma perspectiva de cor. E assim nascem as definições de cores para cada sexo. Segundo Heller (2012), para todas as definições de cores existe uma lógica.

Os resultados das pesquisas demonstram que cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento. Com o auxílio do simbolismo psicológico e da tradição histórica, esclareceremos por que isso é assim. Um terço da criatividade consiste de talento, um terço de influências ambientais que estimulam dons especiais e um terço de conhecimentos aprendidos a respeito do setor criativo em que se trabalha. Quem não souber nada a respeito dos efeitos gerais e da simbologia das cores, quem quiser confiar apenas em seus talentos naturais, será sempre ultrapassado por aqueles que possuem, além disso, esses conhecimentos. Usar as cores de maneira bem direcionada significa poupar tempo e esforço (HELLER, 2012, p. 33).

Cores são um estímulo para a mente humana, Heller deixa claro que elas são a principal forma de comunicação emocional do indivíduo com o seu livro.

## **5 PÚBLICO-ALVO**

O presente projeto tem como foco as crianças de 4 a 8 anos que poderão aprender sobre gênero. E têm como o objetivo mostrar que os padrões misóginos e sexistas ainda existem e por vezes não é compreendido e interfere diretamente na criação e perspectiva das crianças em relação a produção do gênero. Como Biroli (2016) nos mostra, precisamos ressignificar as relações de gêneros e acabar com as hierarquias na primeira infância.

Para o produto final deste trabalho temos como veiculação prevista a edição impressa e ilustrada do livro.

## **6 UMA LEITURA SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO**

As desigualdades de gênero são uma questão de construção social e tudo começa na forma como tratamos nossas meninas e meninos desde a infância.

Fico imaginando quem foi o gênio do marketing que inventou essa dualidade rosa-azul... Fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que se deve ser um menino e do que se deve ser uma menina. Eu gostaria que os brinquedos fossem divididos por tipo, não por gênero (ADICHIE, 2017, p.24-25).

Características de gênero, classificadas como feminino e masculino desde o primeiro dia de vida da criança, de acordo com Daniela Auad

(2006), são naturalizadas na sociedade como relações de poder, que de tanto serem recontadas, acabam tornando-se comum, e por não serem criticadas, acabam se tornando inalteráveis em muitas famílias.

O gênero – como um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e sobre o feminino – cria uma determinada percepção sobre o sexo anatômico. E, então, ter pênis ou ter vagina, ser menina, homem, mulher ou menino determina quais serão as informações utilizadas para organizar os sujeitos em uma desigual (e irreal!) escala de valores (AUAD, 2006, p.21).

As questões de gênero não correspondem ao sexo biológico, e sim ao composto de representações que somos atribuídos ao longo da vida, símbolos, significados e diferenças entre os gêneros que interpretamos em cada sociedade. O sexo está associado as diferenças biológicas que fazem referência ao corpo feminino e masculino. Questões de gênero estão relacionados à forma como a sociedade impõe os papéis sociais de acordo com o órgão genital que você nasce. Se você tem um pênis, você é privilegiado e poderoso, caso você tenha uma vagina, sua vida gira em torno da fragilidade e submissão.

O feminino é associado, na maioria das vezes, à fragilidade, à passividade, à meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, o espírito empreendedor, a força e a coragem. Muitos são os adjetivos que podem ser citados, mas fato é que a maioria dos atributos presentes em um gênero está excluída automaticamente do outro (AUAD, 2006 p.22).

Ressaltamos, no entanto, que os homens nem sempre dominam e as mulheres nem sempre são dominadas, e isso não é errado. Cada um tem suas características próprias, que não são referentes ao gênero, mas a sua personalidade individual. Como aponta Auad (2006), muitas diferenças que são impostas entre os sexos não são naturais, são questões de gênero em uma sociedade desigual. Portanto, uma herança cultural.

A sociedade usa uma certa tradição seletiva para justificar qualquer atitude que possa sair fora desse padrão imposto ao longo do tempo. Como, por exemplo, o fato de uma mulher, mãe, ter sua atenção exclusiva aos filhos. O homem, por sua vez, nasceu para ganhar dinheiro e, portanto, ser pai não é sua função principal.

Biroli (2016) reforça que as diferenças relacionadas à divisão de trabalhos não são democráticas, e seguem uma hierarquia, principalmente em termos salariais. As mulheres são reduzidas em relação ao homem, e são poucas as que conseguem romper as barreiras sociais, sempre estão sendo questionadas sobre sua vida particular onde deveriam priorizar sua capacidade. Precisam ser boas em todas as esferas da sociedade, sempre obedecendo ao patriarcado.

Uma das faces cruéis da responsabilização desigual é a atribuição às mães não apenas de tarefas cotidianas, mas da responsabilidade por “educar” e “proteger” seus filhos, em ambientes sociais nos quais o Estado não apenas se esquivava de fornecer garantias básicas, como proteção à vida, como também viola direitos formalmente constituídos (BIROLI, 2016, p.14).

Na promulgação do Código Civil brasileiro de 1916 – Lei 3071/16 Art. 233 mostrava a superioridade do homem na família, sendo ele o único responsável pelo lar, e o da mulher apenas de cooperar para o bem comum da parentela. Biroli (2016) ressalta que até 1988 a constituição brasileira inseria os homens como “chefes de família”, posicionando o gênero feminino como subordinado, assim como os filhos do casal que teria que ser formado por um homem Cisgênero (o indivíduo que se identifica com seu gênero de nascimento é identificado como CIS ou Cisgênero), e uma mulher CIS, colocando em primeiro lugar o conservadorismo, excluindo as relações homoafetivas (entre pessoas que gostam e sentem atração por outras do mesmo sexo), o controle das mulheres e o mito do homem ser superior na sociedade.

Assim, percebemos que o papel de gênero é um despropósito, faz com que crianças, adolescentes e adultos se sintam na obrigação de exercerem algo que nem elas entendem e nós adultos não explicamos. De acordo com Auad (2017), existe uma dualidade entre os sexos, entre as pessoas. Brinquedos e cores sendo direcionados a meninas e aos meninos. Por exemplo, falamos que tal coisa é de menino e para deixarem de fazer algo pelo simples fato de serem meninas biologicamente. Isso não é razão para deixar de fazer algo.

A sociedade conduz meninos e meninas de formas diferentes, na maioria das vezes coloca as meninas com um papel inferior aos meninos.

Sua teoria é que os pais e mães muito inconscientemente começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, que elas têm mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras (ACHIE, 2017, p.27).

Auad (2006) afirma que apenas misturar meninos e meninas não é o suficiente para interromper a desigualdade de gênero. Devemos conscientizar e incentivar atividades igualitárias, destacando a semelhança e diminuindo as diferenças condicionadas ao gênero, para diminuir as desigualdades hierarquizadas em nossa sociedade. Ela aborda a menção às cores azul e rosa, que não são cores de meninos ou meninas, são apenas cores, cores de todos. Esse é apenas um dos exemplos para reforçar que a relação de gênero não deveria interferir na personalidade de nenhuma criança.

Não temos como estudar sobre gênero e não ser feminista, pois é a partir do movimento social feminista que a ideia de igualdade de condições entre homens e mulheres, com os mesmos direitos e as mesmas oportunidades, se estrutura. Um gênero complementa o outro, não existe mudança sem essa reflexão e reformulação do pensamento para uma sociedade mais igualitária, onde os estereótipos de gênero que limitam o ser humano a fazer apenas as coisas que são destinadas ao seu sexo biológico.

Nas Ciências Sociais, o termo estereótipo foi introduzido por Walter Lipmann, em 1922. Tende a apresentar pessoas e coisas de forma distorcida, com generalizações indevidas, convicções preconcebidas. O cultivo do estereótipo pode acarretar a formação do preconceito, com rotulações socioculturais (SCORALICK, 2011, p.27).

Para Auad (2006), devemos levar essa categoria gênero, esse debate sobre igualdade e diferença, para as práticas escolares na educação de meninos e meninas, para que esse ambiente não seja uma plataforma de desigualdade.

Cidadania, democracia e direitos humanos são discursos ligados diretamente a igualdade de gênero. O debate sobre igualdade e diferença, os direitos humanos não são humanos sem os direitos das mulheres, do feminino. Portanto, gênero é de suma importância mundialmente e principalmente no Brasil, onde vemos tanta violência praticada contra o feminino, como apresentado aqui pela Auad (2002, p.137).

Uma das formas de fazer esse debate na educação é pela comunicação. Antônio Hohlfeldt (2010) esclarece que a comunicação é uma via de mão dupla, onde temos o emissor, o receptor e a mensagem. Nada mais é que uma troca simultânea de informações compartilhadas. O jornalismo está inserido na comunicação ao comunicar algo, sendo meio de instrução. Tófoli (2008) explica que o jornalismo nos possibilita transformar nossas indignações em manifestos para a sociedade. Através da ética transformamos o mundo ao nosso redor. Partilhamos nosso conhecimento e incluímos as minorias em nossas pesquisas. Agimos com a verdade e inclusão.

A verdade é condição precípua, intrínseca ao jornalismo como acentua o art. 4º: "o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos" (TÓFOLI, 2008, p.28).

A comunicação é a principal fonte de contextualizar o tempo. O papel do jornalista não é somente dar a matéria, mas trazer a história, a imprensa tem o papel de transformar o que chamamos de ideal democrático.

O homem que concebeu o papel da universidade, Joseph Pulitzer (1847-1911), cujo nome designa uma quantidade de prêmios (oito para campos específicos de jornalismo, seis para "letras"), nasceu na Hungria e assumiu a direção de The World em Nova York em 1833. Ele pensava que o treinamento dos jornalistas deveria se basear na contribuição que a imprensa podia dar à "idéia de progresso, especialmente progresso de justiça, civilização, humanidade, opinião pública, da noção e do ideal democráticos". (BRIGSS E BURKE, 2004, p.18).

Somos responsáveis por fazer um papel indispensável na mídia atual, trazendo diante dos olhos do leitor os temas relevantes para a sociedade. Victor Gentilli (1995) é bem específico em sua pesquisa sobre o caminho que o jornalismo teórico faz para ampliar as informações na sociedade.

Nesta discussão uma prática social emerge como foco de preocupações, seus potenciais, seus limites e suas possibilidades na concretização da tarefa de realizar a produção e a difusão de informações públicas ao cidadão (GENTILLI, 1995, p. 33).

Assim, reforçarmos a necessidade de uma prática social, com produção e difusão de informações públicas, no caso para crianças, através



da comunicação no livro, de modo que os meninos aprendam que tratar bem as mulheres não é apenas uma obrigação, é questão de respeito. E mulheres não podem ficar subordinadas à opinião e tratamento masculino, somos todos iguais.

Precisamos inserir essas discussões desde a infância para que a criança possa ir construindo um pensamento crítico perante a comunidade que ela está inserida. “A literatura na Educação Infantil é importante para inserir a criança no mundo simbólico, onde muitas vezes ela se coloca no lugar dos personagens e com eles vivencia as diversas situações, como medo, perda, sucesso e alegria” (SANT’ANNA et al., 2015, p.136).

Assim, percebemos como a leitura durante a infância é um fator necessário para o desenvolvimento da criança diante os fatores da sociedade.

A leitura é um marco importante para a formação dos seres humanos, não somente para a formação intelectual, mas permite a todos a entrada em um mundo diferente, cheio de sonhos e ideias, onde a imaginação permite voar, inventar e criar, um mundo de magia que proporcionará a criança refletir sobre os seus pensamentos, fazendo que ela se torne um cidadão crítico. (SANT’ANNA et al., 2015, p.137).

No entanto, conforme aponta Sant’Anna, a construção da leitura e da escrita precisam estar adequadas ao processo de desenvolvimento da criança. “Os livros paradidáticos devem ser separados de acordo com faixa etária, considerando o perfil que cada grupo apresenta, observando o interesse do aluno e o tipo de gênero textual mais interessante” (SANT’ANNA et al., 2015, p.134). Essas questões foram atentamente observadas, conforme demonstrado na Metodologia, com a construção de situações de aprendizagens orientadas para a faixa etária escolhida, de crianças com idade entre 4 a 8 anos.

Assim, recorreremos à mídia livro para preparar as crianças para debates importantes. Entendemos que as pessoas precisam aprender a fazer escolhas por conta própria, seguindo seu instinto e suas vontades. Todo esse conhecimento começa nos primeiros anos de vida e, assim, o livro traz sua contribuição ao permitir que através da leitura a criança interprete, critique, e ainda pequena, possa se tornar cidadão reflexivo sobre as práticas sociais, como as relacionadas à questão de gênero. E é só a partir da informação que

isso é possível. Reforçando os pensamentos de Gentili (1995), quanto mais informações o indivíduo possuir, maior será a sua consciência do mundo para tomar decisões.

## **7 FICHA TÉCNICA**

**Supervisão:** Kelly Scoralick

**Roteiro:** Sarah Alves Corrêa Costa

**Capa e ilustração:** Túlio Magno de Souza Pereira da Costa

**Diagramação:** Anna Flávia Silva de Souza

**Revisão:** Kelly Scoralick e Célia Gomes

**Tiragem:** 5

**Formato do livro:** 21x21

**Papel:** Couché brilhoso

**Impressão gráfica:** 4x4 - Casa da Gráfica

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com essa pesquisa conseguimos ter uma visão mais abrangente do assunto, ser mais sensível às lutas enfrentadas por nós, mulheres, todos os dias e também as nossas conquistas. Percebemos que a origem dos problemas está na sociedade patriarcal, onde os homens acreditam que são o centro da família e da sociedade, e nós mulheres devemos obediência e deixar que eles sejam o protagonistas das nossas vidas, das nossas escolhas.

Quando um país os governantes são por sua maioria homens, brancos e héteros, temos um longo caminho a percorrer para ter uma política de igualdade de gênero. Precisamos garantir o lugar da mulher na política pública para promover a igualdade. A educação precisa ser democrática, precisa abraçar a todos, independente do gênero. Somos diferentes biologicamente, mas não podemos permitir que essa diferença faça existir a desigualdade por conta dos papéis sociais impostos a cada um.

O uso das mídias na educação é a base para podermos construir um futuro melhor para as próximas gerações, e transformar o país em que vivemos em um lugar mais democrático.

## ABSTRACT

This project addresses the framework of gender inequality, proposing to start this debate already during the formation of the child. Thus, the discussion is made through a book designed for the target audience composed of boys and girls aged between four and eight years. The story deals with essential issues involving the theme, such as prejudice and essentially machismo, showing that there are no representations of female and male. We conclude that the proposal makes possible the discussion about gender inequality among children, by bringing a story close to the reality of this reader, with illustrations that were striking to his eyes, and texts so that they also kept the child's interest in the story.

**Keywords:** Communication. Equality. Genre. Children. Book.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALVARENGA, Darlan. Brasil cai para a 90ª posição em ranking de igualdade entre homens e mulheres. Portal G1, 2 de Nov. de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/brasil-cai-para-a-90-posicao-em-ranking-de-igualdade-entre-homens-e-mulheres.ghtml>> Acesso em: 05 de set. de 2019.

AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **Revista USP**, São Paulo, n.56, p.136-143, fev. 2003.

\_\_\_\_\_. **Educar meninas e meninos: Relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BANN, David. **Novo manual de produção gráfica**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas**: Cidadania e Informação. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

HELLER, Eva. **Psicología del color**. 1ª ed. Barcelona (Espanha): Editorial Gustavo Gili SL, 2007.

HOLFELDT, Antonio. Verbete Comunicação. In: **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2010, vol. 01, p. 234-235.

MACHADO, Cecília. NETO, Valdemar Pinho. Mulheres perdem trabalho após terem filhos. Portal Getúlio Vargas, 2016. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>>. Acesso em: 03 de out. de 2019.

MARTINS, Thays. Mercado de trabalho fecha portas para grávidas e mães com filhos pequenos. Correio Braziliense, **Brasília, Distrito Federal**, 04 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2018/03/04/interna-trabalhoformacao-2019,663783/mercado-de-trabalho-fecha-portas-para-gravidas-e-maes-com-filhos-peque.shtml>>. Acesso em: 05 de set. de 2019.

PERES, Christiane. Apesar da lei, taxa de feminicídio no Brasil é a quinta maior do mundo. Portal Vermelho, **Brasília, Distrito Federal**, 07 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.vermelho.org.br/noticia/313796-1#>>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. **Comunicação e História**; interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad, 2008

SANT'ANNA, Vera Lúcia Lins; MORAIS, Ana Beatriz de; AZEVEDO, Cristiana Barbosa Duarte; PENA, Dayanne Samara. A importância da leitura no desenvolvimento sócio-cognitivo da criança. (4 a 8 anos). **Revista Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, Minas Gerais, v.6, n.1, p.117-140, abr. 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9228>. Acesso em: 27 out. 2019.

SCORALICK, Kelly. **Mídia e cidadania**: a representação das pessoas com deficiência no telejornalismo. Juiz de Fora, 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TÓFOLI, Luciene. **Ética no jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRÊS anos depois de aprovada, Lei do Feminicídio tem avanços e desafios. Agência Senado, **Brasília, Distrito Federal**, 28 de março de 2018.

Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/comum/tres-anos-depois-de-aprovada-lei-do-feminicidio-tem-avancos-e-desafios.html>>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

TRINTA, Aluizio Ramos. Televisão e formações identitárias no Brasil. In: LAHNI, Cláudia Regina, PINHEIRO, Marta de Araújo. **Sociedade e Comunicação**: perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

## APÊNDICE

**Título:** Crianças: Aprendendo sem gênero

**Texto:**

Stella é uma menina muito esperta. Desde pequena é muito observadora, hoje em dia ela tem 8 anos. Mas desde que começou a falar, já perguntava e questionava tudo.

Stella tem um irmão de 5 anos, que se chama João. Eles brincam juntos o tempo todo. Seu pai trabalha em casa como publicitário e sua mãe trabalha fora em uma grande empresa.

Na casa da Stella não existem brinquedos de meninas e meninos. Existem brinquedos, onde ela coloca sua imaginação pra funcionar junto com seu irmão. Eles brincam depois da escola e aos finais de semana.

Sua melhor amiga chama-se Ana. Em uma das idas à casa da Stella, Ana vê um vídeo da amiga jogando futebol com João e logo pergunta:

- Stella, você brinca de futebol com seu irmão?

- Sim, eu amo correr atrás da bola junto com meu irmão.

- Mas bola é pra meninos!

- Quem te disse isso? Bola é pra brincar, então brinca quem quer.

-Meus primos não deixam eu brincar de bola com eles falaram que futebol é coisa de menino e menina brinca de boneca!

-Aqui em casa meu irmão brinca de bola comigo, brinca de casinha, boneca. Não tem isso de menino e menina. Fazemos tudo igual.

Ana questiona:

-Mas vocês não são iguais!

-Somos, sim!

-Ele tem cabelo curto e você não! - rebate Ana.

-Minha mãe também tem cabelo curto! – fala em um tom mais alto.

Os pais da Stella ouvindo o diálogo das duas, resolvem conversar com elas a respeito de igualdade de gênero e o direito de todos de serem e brincarem com o que quiserem.

Ana, você pode brincar de bola com a Stella e o João. Brincar é um direito de todos! – diz o pai

A mãe da Stella conversa um pouco mais com as meninas.

- Aqui em casa as crianças brincam de tudo, Ana. O que seus primos falaram não é verdade. Isso é um estereótipo de gênero. Vocês sabem o que é um estereótipo de gênero?

- NãAAO! – respondem as meninas.

A mãe da Stella explica:

- Estereótipo de gênero é quando você limita alguém de fazer algo só porque é menino ou menina. É uma crença de que existem coisas de meninos e meninas. É como falar que lavar a louça é coisa de mulher. E não é. Aqui em casa todos têm tarefas iguais. Não importa se é menino ou menina. Moramos na mesma casa, então todos precisam cuidar dela.

- Então, eu posso brincar de futebol que não vão me chamar de menino? – pergunta Ana.

- Pode sim brincar de futebol, de bola e de tudo que vocês quiserem!  
Não há nenhum problema. Não é por isso que você vai deixar de ser menina.  
Entenderam, meninas?

- SIM! - as duas gritam

João chega e grita:

- Stella, vamos jogar bola comigo. Vem, Ana!

- Vamos!

Eba! – grita toda eufórica Ana.

- Formamos um belo time no futebol! – comemoram.

- Vamos nos divertir!



This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.